

não vou falar sobre isso, mas por e*x*emplo

Luci Collin



Frédéric querido

dá uma olhada nas suas coisas e vê, por favor, se vc não levou por acaso um rim meu, e talvez uma parte do fígado, por engano uma artéria pulmonar e um pedaço do fêmur. Tenho notado, depois que vc foi embora, que está difícil andar respirar digerir e faz dois dias já que eu não molho as plantas da varanda devem ter morrido.



Seu Frederique

sua mãe ligou dizendo que terminou de fazer o cachecol daquela cor que o Sr. pediu e que ela vai deixar em cima da sua cama já que quando o Sr. chega é sempre à noite e ela não tem aguentado ficar esperando até tão tarde. Talvez a cor não seja a mesma que o Sr. escolheu porque naquele dia estava escuro e os azuis eram frágeis os vermelhos débeis os cinzas absolutos e ela acabou confeccionando uma coisa bege mesmo e de sisal pro Sr. enrolar em volta do seu pescoço.



Frederic

sua avó não aguentou a cirurgia e morreu, mas isto já faz doze anos. E também o nosso gato morreu no ano passado e a samambaia está definhando e as painelas estão sem cabo assim sendo: é melhor vc se acostumar com o que vai ver ao abrir a porta a janela a geladeira. Tem bem pouca coisa lá tem bem pouca coisa ali tem bem poucas pessoas na plateia.



Fred

perdi a escova de dentes, admito. Deve ter sido dentro do ônibus porque estava lotadíssimo e apertado e as pessoas suavam e bufavam e reclamavam e eu devo ter

Luci Collin (Curitiba, Paraná, 1964). Escritora, tradutora, professora universitária, musicista. Sua obra transita entre a poesia, o conto, o romance e o teatro. Publicou, dentre outros, *Rosa que está* (Iluminuras, 2019), *A peça intocada* (Arte & Letra, 2017), *Fascinação* (com Flávio de Souza, Kotter/Ateliê Editorial, 2019) e *Dedos impermitidos* (no prelo, Iluminuras, 2021). E-mail: collinluci@gmail.com.

tentado tirar qualquer coisa do bolso como por assim dizer um lenço e a escova caiu e com ela lá se foram todas as manhas na frente do espelho sorrindo e dizendo para si: sim, estão brilhantes e perfeitos. Agora convém manter o estado de alerta porque às vezes a gente sorri do jeito errado.



Fredinho

o quilo de carne está caríssimo e seu pai acabou preferindo roubar. Não foi um ato bonito. Seu pai está preso e sente a sua falta. Seu pai saiu pra comprar a carne e faz já doze anos que ainda não chegou o metrô deve estar lotado a rua deve estar longa a calçada deve estar esburacada e consome milhares de pares de sapato e até pés e pernas inteiras. Não está fácil comprar um bom par do que quer que seja hoje em dia. Acaba-se preferindo roubar.

Ps: Descobriram mais quatro palavras novas pra aquilo que vc estava sentindo. Volte.



F.R.E.

alguém ligou e deixou um recado: deve-se estar na mesma esquina de sempre assobiando a mesma canção de sempre com a mesma roupa de sempre com o mesmo penteado de sempre com a mesma bandeira de sempre com os mesmos livros debaixo do braço e com os mesmos óculos precisos e com a mesma gravata e com o mesmo sorrisinho de sempre mas deve-se mudar a altura da melodia: deve-se assobiar um tom acima porque caso contrário vc jamais será reconhecido.

Ps: Terminaram o mosaico. Pode comemorar.



Dr. Frederick

enviaram a senha e será bem fácil conseguir a mala as passagens a roupa para colocar na mala e o destino. Vão financiar tudo. Pagarão também um lanchinho. Com a senha veio um manual que explica com todos os detalhes como cozinhar legumes no vapor como fazer a manutenção do chuveiro da suíte como dourar a pílula como escrever um ensaio com apenas meios parágrafos. Basta saber de cor o estribilho e repetir três vezes apenas. Três vezes a cada hora do dia.

Ps: Batizamos os peixes aqui em casa mesmo e lhes demos nomes. Desculpe, eu queria dizer “os meninos”.



Frédéric querido

Infelizmente a tampa do bueiro que vc devolveu não coube, ficou folgada, e todos deduzimos que vc deve ter se enganado e enviado outra. Pode, por gentileza, dar uma olhada entre os teus pertences pra ver se não está aí? E também vasculha um dos bolsos pra ver se encontra as coisas que te pedi num bilhete de outro dia de outra manhã de outra época de outra envergadura. É, coisas como: baço, artérias e, se encontrar, um alicate.

Ps: Quando o galo cantar três vezes pode acordar.



Fréde

Decidi escrever. Não foi fácil vc sabe como sou pra estas coisas de ferrugem estas coisas de espera estas coisas de romper madrugadas pensando estas coisas de *cheese* pra fotografia. Algo de indelicado se instaurou no discurso e eu queria avisá-lo. Algo que pode causar desconforto. Também aproveito pra contar que encontrei a parte do fêmur e estou andando perfeitamente bem. Alguém garantiu que até setembro estarei chutando. Alguém cogitou que, se tudo der certo mesmo até dezembro estarei correndo com excepcional desenvoltura.

Ps: Consegui a grana pra escova e pra ferradura. Tua mãe. Fez esta gentileza.



Frederic

Por favor ao voltar não acenda as luzes da casa. Nem da sala. Não faça barulho por favor. Não sente no sofá. Não pise forte. Não arraste a mala sobre o assoalho. Não jogue papel no vaso. Não espirre. Não soluçe. Não ligue a TV muito alto. Não limpe o sapato com barro no tapetinho. Não suje o fogão fritando coisas que espirram. Não cante. Não declame um poema. Não dance em hipótese alguma. Não precisa lavar as louças da pia. Mas pode vir.

Ps: O silêncio está no mesmo lugar cuidado pra não tropeçar nele.



SEXO COMONINGUÉM

Luci Collin

UM

Eu disse No mundo moderno e ela me corrigiu Pós-moderno, você quer dizer. Eu não queria dizer nada, mas disse e estava errado. Talvez dizer esteja sempre errado. Ela sabia melhor do que eu o que eu queria dizer. Que seja, já que não domino terminologias, acabamos por construir um diálogo um decálogo um dia-a-dia um ditirambo um diagnóstico palpável:

Ele foi perguntando Não vai tirar tudo
Ela foi logo perguntando Você me ama
Ele foi logo perguntando Foi bom pra você
Ela foi logo perguntando Já terminou

A gente tem substantivos para quase tudo e isto é um conforto da vida pós-moderna. Por exemplo, para designar o princípio da vida, seja nos seres humanos ou não, pode-se usar a palavra **alma** que indica, em termos filosóficos - já que é elástica e abrangente - todas as atividades essenciais como a afetividade, o pensamento, a sensibilidade e o tédio tomadas como manifestações de uma substância plena e autônoma em relação ao aspecto material do corpo.

Cia perfeita estilo universitária submissa. Mais do que um corpinho. Atinja um relax absoluto. Atendo casais, individual ou misto.

Ele foi logo dizendo Tá pensando que eu sou o quê
Ela foi logo perguntando Só isto
Ele foi logo acrescentando Quando eu tô a fim eu dou duas fácil fácil
Ela foi logo acrescentando mentalmente Quando eu tô a fim eu tenho múltiplos
Ele foi logo comentando O ar condicionado não funciona

Luci Collin (Curitiba, Paraná, 1964). Escritora, tradutora, professora universitária, musicista. Sua obra transita entre a poesia, o conto, o romance e o teatro. Publicou, dentre outros, *Rosa que está* (Iluminuras, 2019), *A peça intocada* (Arte & Letra, 2017), *Fascinação* (com Flávio de Souza, Kotter/Ateliê Editorial, 2019) e *Dedos impermitidos* (no prelo, Iluminuras, 2021). E-mail: collinluci@gmail.com.

Ela foi logo acrescentando Pensei que ia ser bem melhor
Ele foi logo sindicando Que porra é essa

Hoje, em épocas de modernidades, e pós, e pan, especialmente com o desgaste de coisas usadas em demasia como o ceticismo e o kantismo, a **alma** passou a ser um índice que só se alcança pela introspecção. A introspecção, contudo, não se encontra facilmente por aí, não dá pra comprar num hipermercado e nem pedir por catálogo que não vem. Conforme os manuais especializados a alma é antes uma prática de atividades vitais em forma incorpórea; é uma consciência pensante e, assim, física enquanto neuronal.

Local próprio e também a domicílio. Valor acessível em dinheiro ou cheques pré. Coxas grossas. Alma feminina. Faça ctn, jb5, total lni, vms. Saia da rotina do dia a dia, realize seus sonhos. Beijo de tontear. Sigilo e experiência no mercado.

Ele se lembrou Daqui a pouco minha mulher chega em casa
Ela se lembrou Eu preciso me casar
Ele logo se perguntou Por que eu me casei
Ela foi logo se perguntando Será que este cara já não é casado

Sendo para alguns a parte imortal dos seres humanos, é possível dizer que a **alma** é dotada de existência individual. O encontro entre duas almas pode, portanto, se dar em qualquer lugar: num ônibus, numa fila de açougue, num velório, numa festinha junina da escola, numa liquidação de bolsas e acessórios de couro, na inauguração de um transatlântico. Após a morte a alma está predestinada à felicidade ou não, pois pode ser que encontre a danação eterna. Para alguns são os atos praticados durante a vida terrestre que definem o que acontecerá à alma. Para outros isto é discutível ou, ainda, besteira.

Ele foi logo comentando Você tem mãos de pianista
Ela foi logo comentando Você tem testa de pessoa inteligente
Ele foi logo concluindo Esta dava uma boa esposa
Ela foi logo concluindo Este cara é bem ruinzinho de cama

Cadê o limão pra caipirinha Não foi no supermercado Esqueci de avisar que a tua mãe ligou Não vai trocar as toalhas Não joga este troço no chão Porra outra vez esta mesma merda Para de gritar que o nenê acabou de dormir Outra vez na casa dela Não dá pra usar a mesma de antes Presta atenção no que eu tô dizendo Eu não vou comprar outro só porque você quer Não sabe falar mais baixo Tá barato

porque não é você quem paga Você comia qualquer coisa e nem reclamava Fala isto pra ela e não pra mim Vai deixar vencer de novo a prestação Que frescura Que babaquice Que nojo Que saco Que merda que eu fiz Não consigo nem respirar aqui Vai pro diabo que te carregue. Vai se fudê.

Mãos de fada. Quer ter sensações inesquecíveis? Sensual para mulheres modernas ou homens liberados ou ambos. Música relaxante e ambiente higienizado. Descubra ou relembre o delírio da paixão de alma pra alma. Local discreto. Sou educada e supercarinhosa. Atende feriados.

Fonte da vitalidade, da psique e da ação, a **alma** representa a inteireza e a unidade de uma pessoa, sua natureza moral e emocional, sua índole boa ou má, seu caráter bom ou mau, sua essência, seu motor, sua força primacial. O substantivo feminino plural correspondente é alminhas. Alma gêmea é um conceito ainda não dicionarizado.

Eu disse No mundo moderno e ninguém me corrigiu
Eu queria dizer algumas coisas, mas nem tinha pra quem
Eu falei alto Eu deixei comida no prato Eu deixei toalha molhada no banheiro Eu dormi na metade do filme Eu comi o que tinha sobrado na geladeira Eu não atendi o telefone já que ninguém me ligou e nem era engano Eu deixei as laranjas estragarem Eu quebrei um pirex Eu fui no banheiro de porta aberta Eu escutei aquele rock antigo bem alto dancei dancei dancei ridiculamente talvez mas ninguém reclamou

A **alma** é a essência em geral, o princípio sujeito da representação, oposta ao seu objeto.

Ele foi logo retrucando Hoje eu nem tô a fim
Ela foi logo acrescentando Hoje eu não posso
Ele foi logo acrescentando Hoje eu não tenho tempo
Ela foi logo se explicando Acho que estou com dor de cabeça
Ele foi logo esclarecendo Acho que estou com dor nas costas
Ela foi logo concluindo Amanhã a gente fala sobre isto
Ele foi logo finalizando A ma nhã a gen-te fa-la so-bre is-to.

Contando carneiros contando nos dedos contando as gotas de chuva como naquela canção.

DOIS

Num dia desses bem-feito há algo enfim importante: todas as coisas que eu levei naquela cesta pra floresta; todas as coisas que eram para um piquenique alegremente; todas as possibilidades de enquanto seu lobo não vinha; as coisas que se esfarelariam e seriam comidas por todas as criaturas que têm penas; todas as coisas que permaneceriam em cima da mesa, em cima da toalha limpa casta impecável justa.

Num dia desses perfeito as lâminas são tão afiadas que nem suam As trombetas não são mais de plástico não se deformam facilmente e remontam a experiências solenes A criança que sabe o longo poema de cor não esquecerá de nenhum gesto a ser feito com a mão no exato momento da mão e do gesto.

Eu nasci num dia talvez imperfeito que não constava da folhinha quem saberá o que é passado quem saberá do coração das chuvas nada sei.

Eu nasci uma segunda vez em uma cidade sem mapa sem rio sem linha de trem. Nasci na noite de lua vermelha e todos dançaram até o amanhecer. Eu nasci num dia em que se esqueceram de avisar. E ninguém reclamou aquele corpo.

Um corpo é uma semente Um corpo é só a semente Um corpo é tomar um copo de água no maior escuro é cuspir é alcançar o que está mais alto na estante porque se é mais alto é alcançar o que está resguardado lá no céu Um corpo É ganhar mais dinheiro É ter mais prestígio ter um talão um cartão um anel que pesa muito num dedo exclusivo É sentar-se na primeira fila É nunca esperar na fila É ganhar o ingresso de graça É ser chamado de senhor É ser chamado para ir ao palco e nunca ir. Se você for bonito.

Se você for feio terá que entrar pelos fundos e apenas deduzir como este espetáculo é incrivelmente bom.

Eu nasci uma última vez num dia sem horas sem longitude sem nem um tipo de lista nem de pilhas de coisas importantes uma última vez a consagração bastante tímida a ser expurgada neste papel.

Todas as coisas que eu levei naquela cesta as formigas comeram os leopardos comeram os dragões degustaram os leões não vieram. Eram coisas deliciosas eram compensadoras eram delicadíssimas eram úteis. Eu havia escrito seus nomes em cada uma delas eu havia colado uma etiqueta: contém açúcar contém prazer contém sangue.

No mês seguinte nasceu um irmão no mês seguinte foram chuvas no mês seguinte a cadela amarela deu cria no mês seguinte a plantação de café esturricou no dia seguinte todas as malas foram feitas no dia seguinte era a vida seguinte e nem dava para entrar num trem. Só pudemos contar com nossos próprios passos.

Nesta ilha há coisas pequenas que importam: os ossos porque nos fazem lembrar, os pregos porque nos fazem lembrar, os troféus de taxidermia porque nos fazem lembrar. Eu tenho que estar entre os mais loucos. É uma sina sentar-se ao lado do presidente. É o destino despertar esta margarida que inflige a ávida questão: bem-me-quer?

Eu que uso meias limpíssimas, eu que tenho letra bonita, eu que assoo sem fazer barulho tusso gozo sem fazer um ruído. Que chorei discretamente quando o médico deu um tapa bem dado para anunciar que eu vinha à vida. Eu que nunca salguei a sua sopa o seu mar a sua lesma favorita.

Todas as coisas que eu levei na minha cabeça: vontade de conhecer a praia, vontade de andar na areia, vontade de catar conchas como eu vi no filme. Mas o passeio era até a floresta e na floresta há galhos, trilhas precisas, folhas que estalam no chão por sobre as cobras entocadas. Na floresta há um ar gelado e réstias de sol penetram perfuram copas. Corra corra desesperadamente para que termine de uma vez este parágrafo.

Mas é claro que aqui tem uma história: se aqui há um orifício se aqui há um paralelo se aqui há compasso se aqui há um segredo se aqui há um precipício se há aqui um suspiro um jorro um zelo por mínimo por ínfimo por minúsculo por ténue há aqui um enredo. Onde nos salvaguardamos onde nos esculpimos onde nos tocamos onde nos vemos.

A floresta é o cenário perfeito para abrir a cesta com todas as coisas que você esqueceu de por ali dentro.

*

cisma*

Luci Collin

Durmo nua. E as mais deliciosas visitas me acontecem. É assim que emoldura-me a lua e mais, incandesce-me, torna-me irrefreável fêmea em seu próprio duplo. É assim e exatamente por isso que me frequentam príncipes reis excêntricos bandidos alvos e escuros, a sorte imensa de criaturas que trazem colorido às horas mais soturnas. Eu dei de conhecer treva nenhuma. Vêm centauros corsas cêrberos grifos e delfinas e celebram a estada com jades e ouros. Eu rio.

Eu o tempo todo tenho sorrisos que se despregam do meu rosto e se emancipam pelo ar por nesgas pelas esferas do espaço e, talvez, por isso voltem à minha cama, cisnes, heróis, polvos enormes, frades desencarnados e até girassóis impermitidos voltam mesmo – todos com olhos sedentos que se saciam com os movimentos gentios que eu distribuo. Fotogramas em perpétuo, palha e fogo. E santos como que rezam e garças alçam longínquos e elefantes desnorreados pisam sobre impérios. E eu mais rio.

Também me visitam camponeses com mãos de colheita e sem vícios a não ser esperar a aurora e a chuva boa. E cirurgiões de papéis timbrados me visitam sem possibilidade de olhos e eu preencho seus buracos seus vazios suas funduras seus ocos, seus abandonos estratosféricos mesmo. E visitam-me criaturas indecifráveis que sequer retiram seus capuzes. Com todos o mesmo desmesurável. Toca-se fogo nas imagens do espelho, nos óleos das galerias, nas rendas inveteradas e agora será sempre tudo uma dança de coreografia ilegível. Um mapa onde sequer coordenada, onde sequer geografia. Eu vibro a cada minuto permitido em estertor novo que brota feito flor miúda e perfeita, nem tinta nem traço representa em suas verdades tais quenturas.

Sóis sobre as maçãs, eu prena de acontecimentos e desenvolturas. Contornando distâncias e impossíveis as peles se encontram tocam-se se esfregam e um tipo de cintilância retorna e não se sabe mais história de silenciamentos. Contarei aqui algumas coisa mas não tudo. Esclarecerei aqui alguns provérbios mas não todos. Apago a ponta e norte da rosa-dos-ventos. Entorto agulhas. Engulo

* Do livro *Dedos impermitidos*, no prelo. Publicação prevista para 2021 pela editora Iluminuras. Luci Collin (Curitiba, Paraná, 1964). Escritora, tradutora, professora universitária, musicista. Sua obra transita entre a poesia, o conto, o romance e o teatro. Publicou, dentre outros, *Rosa que está* (Iluminuras, 2019), *A peça intocada* (Arte & Letra, 2017), *Fascinação* (com Flávio de Souza, Kotter/Ateliê Editorial, 2019) e *Dedos impermitidos* (no prelo, Iluminuras, 2021). E-mail: collinluci@gmail.com.

ponteiros. Sorrio no passado e é sempre hoje o arrepio da pele, a carícia esperada, o corpo indomesticado que vem.

As flores são coniventes e se reinauguram com outras formas em deserção de precipícios. Sabe-se a tudo. Ondas avançam, exércitos recuam, desertos se desabitam naturalmente oceanos e sua escuridão são conhecíveis e meu corpo se verga encolhe-se redescobre e tine.

Imensos se completam crendo secretamente confirmam a nobreza do gozo. De invenção e de espantos me tomo por antiguidade e faço-me coluna seixo ventania que muda o curso das cachoeiras. Não há mais a hora nem única nem velha nem indócil nem derradeira. Não se permite mais verificar-se a prioridade das conchas a sagacidade das estrelas.

Estarei para sempre à porta apenas.

Assim me abro parágrafos: durmo nua.

Ainda balança a cortina quando abro os olhos e é dia.

*